

O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: A ANÁLISE DE UMA AMOSTRA ONÍRICA

O título que dei ao meu tratado revela a que tradição na concepção dos sonhos eu gostaria de dar continuidade. Propus-me a demonstrar que eles são passíveis de interpretação, e as contribuições para o esclarecimento dos problemas oníricos de que acabamos de tratar serão apenas um ganho acessório eventual na execução de minha verdadeira tarefa. Com a hipótese de que os sonhos são interpretáveis, entro de imediato em contradição com a teoria dos sonhos dominante e, na verdade, com todas as teorias do sonho exceto a de Scherner, pois “interpretar um sonho” significa indicar o seu “sentido”, substituí-lo por alguma coisa que se encaixe como um elo de mesmo peso e de mesmo valor no encadeamento de nossas

ações psíquicas. Mas, como vimos, as teorias científicas do sonho não deixam espaço para um problema de interpretação, pois para elas o sonho não é de forma alguma um ato psíquico, e sim um processo somático que se manifesta por sinais no aparelho psíquico. A opinião dos leigos, em todas as épocas, foi diferente. Ela faz uso do seu justo direito de proceder de maneira inconsequente e, embora admita que o sonho seja incompreensível e absurdo, não consegue se decidir a lhe negar todo significado. Guiada por um pressentimento obscuro, ela parece supor que o sonho tem um sentido – ainda que oculto –, que a sua finalidade é substituir um outro processo de pensamento e que se trata apenas de descobrir acertadamente esse substituto para chegar ao significado oculto do sonho.

Por isso, o mundo leigo se esforçou desde sempre em “interpretar” o sonho, empregando para tanto dois métodos diferentes em sua essência. O primeiro desses procedimentos tem em vista o conteúdo onírico como um todo e procura substituí-lo por um outro conteúdo, compreensível e em certo sentido

análogo. Essa é a interpretação *simbólica* dos sonhos; naturalmente, ela fracassa desde o princípio com aqueles sonhos que se mostram não apenas incompreensíveis, mas também confusos. Um exemplo de seu procedimento é dado pela interpretação que o José bíblico deu ao sonho do faraó. Sete vacas gordas seguidas por sete vacas magras que devoram as primeiras é um substituto simbólico para a profecia de sete anos de fome que devoram toda a fartura produzida por sete anos férteis na terra do Egito. A maioria dos sonhos artificiais criados por escritores é destinada a essa interpretação simbólica, pois eles reproduzem o pensamento do autor sob um disfarce que é inventado para se adaptar às características dos sonhos que conhecemos pela experiência.¹ A opinião de que os

1. Numa novela de W. Jensen, *Gradiva*, descobri por acaso vários sonhos artificiais construídos de maneira perfeitamente correta e que podiam ser interpretados como se não tivessem sido inventados, mas sonhados por pessoas reais. Questionado por mim, o escritor confirmou que não tomara conhecimento de minha teoria dos sonhos. Aproveitei essa concordância entre minha investigação e a sua criação como prova do acerto de minha análise dos sonhos. (*A loucura e os sonhos em "Gradiva"*, de W. Jensen, Freud, 1907 a.)

sonhos se ocupam predominantemente com o futuro, cuja configuração preveem – um vestígio da importância profética que lhes era concedida no passado –, transforma-se então em motivo para deslocar ao futuro, mediante um “acontecerá”, o sentido encontrado pela interpretação simbólica.

Naturalmente, não é possível ensinar a encontrar o caminho para essa interpretação simbólica. O êxito depende de um lampejo espiritualoso, da intuição súbita, razão pela qual a interpretação dos sonhos por meio do simbolismo foi capaz de se elevar à categoria de uma arte que parecia ligada a um talento especial.² O outro método popular de interpretação dos sonhos se mantém completamente afastado dessa pretensão. Poderíamos chamá-lo de “método de decifração”, visto que trata o sonho como uma espécie de escrita cifrada em que cada signo é traduzido por outro de sig-

2. Aristóteles afirmou que o melhor intérprete de sonhos é aquele que melhor apreende semelhanças, pois as imagens oníricas, como as imagens na água, são distorcidas pelo movimento, e aquele que é capaz de reconhecer o verdadeiro na imagem distorcida obtém os maiores êxitos (Büchschütz, 1868, p. 65).

nificado conhecido de acordo com uma chave fixa. Sonhei, por exemplo, com uma carta, mas também com um funeral e outras coisas do gênero; consulto um “livro de sonhos” e descubro que “carta” deve traduzir-se por “aborrecimento” e “funeral” por “noivado”. Fica a meu critério, então, estabelecer um nexó entre as palavras-chave que decifrei, e também vou aceitar que ele se refere ao futuro. Uma variação interessante desse processo de decifração, que em alguma medida corrige seu caráter de tradução puramente mecânica, é apresentada na obra de Artemidoro de Daldis sobre a interpretação dos sonhos.³

3. Artemidoro de Daldis, nascido provavelmente no começo do século II de nossa era, nos legou o mais completo e mais cuidadoso estudo sobre a interpretação dos sonhos no mundo greco-romano. Ele dava importância, como T. Gomperz (1866) ressaltava, em basear a interpretação de sonhos na observação e na experiência, e separava rigorosamente a sua arte de outras, enganosas. O princípio de sua arte interpretativa, segundo a exposição de Gomperz, é idêntico à magia, o princípio da associação. Um objeto onírico significa aquilo que ele lembra. Aquilo que lembra ao intérprete, bem entendido! Por isso, da circunstância de que o elemento onírico pode lembrar diversas coisas ao intérprete, e a cada intérprete coisas diferentes, resulta uma fonte de arbitrariedade e de incerteza que não pode ser controlada. A técnica que exponho nas páginas seguintes se afasta da técnica antiga no ponto essencial de (continua)

Nessa obra, não se leva em conta apenas o conteúdo onírico, e sim também a pessoa e suas condições de vida, de modo que o mesmo elemento onírico não tem para o rico, o casado ou o orador o mesmo significado que

(cont.) impor o trabalho interpretativo à própria pessoa que sonha. Ela não pretende considerar as ideias que ocorrem ao intérprete, e sim aquelas que ocorrem à pessoa acerca do elemento onírico em questão. – Contudo, segundo relatos recentes do missionário Tfindji (1913), os intérpretes modernos do Oriente também dão grande importância à colaboração de quem sonhou. Ele afirma o seguinte sobre os intérpretes de sonhos entre os árabes da Mesopotâmia: *“Pour interpréter exactement un songe, les oniromanciens les plus habiles s’informent de ceux qui les consultent de toutes les circonstances qu’ils regardent nécessaires pour la bonne explication (...). En un mot, nos oniromanciens ne laissent aucune circonstance leur échapper et ne donnent l’interprétation désirée avant d’avoir parfaitement saisi et reçu toutes les interrogations désirables”*. [“Para interpretar de maneira correta um sonho, os oniromantes mais hábeis se informam com o consulente a respeito de todas as circunstâncias que julgam necessárias para uma boa explicação (...). Numa palavra, nossos oniromantes não deixam escapar nenhuma circunstância e não dão a interpretação desejada antes de ter compreendido e assimilado perfeitamente todas as perguntas desejáveis.” (N.T.)] Entre essas perguntas, normalmente se incluem aquelas que solicitam informações exatas sobre os parentes mais próximos (pais, mulher, filhos), assim como a fórmula típica: *“Habuistine in hac nocte copulam conjugalem ante vel post somnium?”*. [“O senhor manteve relações sexuais com sua mulher antes ou depois do sonho?” (N.T.)] – *“L’idée dominante dans l’interprétation des songes consiste à expliquer le rêve par son opposé.”* [“A ideia dominante na interpretação dos sonhos consiste em explicar o sonho pelo seu oposto.” (N.T.)]

para o pobre, o solteiro ou, por exemplo, o comerciante. O essencial nesse procedimento é que o trabalho interpretativo não é dirigido à totalidade do sonho, e sim a cada parte isolada do conteúdo onírico, como se o sonho fosse um conglomerado em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise particular. Não há dúvida de que foram os sonhos desconexos e confusos que impulsionaram a criação do método de decifração.⁴

4. O dr. Alfred Robitsek chamou minha atenção para o fato de os livros orientais de sonhos, dos quais os nossos são deploráveis imitações, praticarem a interpretação dos elementos oníricos quase sempre de acordo com a homofonia e a semelhança das palavras. Visto que esses parentescos têm de se perder na tradução para a nossa língua, surge daí a incompreensibilidade das substituições em nossos “livros de sonhos” populares. – Sobre a extraordinária importância do jogo de palavras e do trocadilho nas antigas culturas orientais, é possível obter informações na obra de Hugo Winckler. – O mais belo exemplo de interpretação de um sonho que nos foi legado pela Antiguidade se baseia num trocadilho. Conta Artemidoro: “Parece-me, porém, que Aristandro também deu uma interpretação extremamente feliz a Alexandre da Macedônia quando este sitiava Tiro e, em razão do grande dispêndio de tempo, irritado e aflito, teve a impressão de ver um sátiro dançando em seu escudo; por acaso, Aristandro se achava nas proximidades de Tiro, no séquito do rei que guerreava os sírios. Ao decompor a palavra *sátiro* em *σά* e *τυρός*, ele conseguiu fazer com que o rei intensificasse o cerco, de modo a se tornar senhor da cidade”. (Σά – Τύρος = Tiro é tua.) – Aliás, o sonho depende tão intimamente (continua)